

SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES POLÍTICAS E O COLONIALISMO PORTUGUÊS EM ANGOLA

Mariana P. Candido*

CARVALHO, Flávia Maria de. *Sobas e homens do rei. Relações de poder e escravidão em Angola (séculos XVII e XVIII)*. 1ª Ed. Maceió: Edufal, 2015, 324 p.

Nos últimos 15 anos, a história da África se consolidou no Brasil. Durante os governos do Partido dos Trabalhadores (2003-2016) houve apoio a investigação, financiamento para a organização de eventos e incentivo à produção acadêmica sobre a história africana. Lamentavelmente, esse compromisso foi destruído depois de abril de 2016. O livro *Sobas e homens do rei*, da historiadora Flávia Maria de Carvalho, é o resultado do investimento e do compromisso que o governo federal teve com o ensino de história da África e com o fortalecimento do departamento da Universidade Federal Fluminense como um centro de excelência na formação de africanistas. Flávia Carvalho se debruça, de forma fascinante e minuciosa, sobre a conquista e a presença portuguesa em Angola nos séculos XVII e XVIII, fazendo uma intervenção importante na discussão sobre o colonialismo português e suas consequências, tema que surpreendentemente segue sendo polêmico no Brasil e em Portugal. Em quatro capítulos, precedidos de uma introdução, além de uma conclusão, a autora trata de temas tão complicados quanto a ocupação territorial,

os tratados de vassalagem, as relações de poder e conflito entre autoridades portuguesas, africanas e os missionários, assim como a apropriação da escrita pelas elites africanas. Todos esses temas são relacionados à expansão do comércio de seres humanos escravizados e seus efeitos nas sociedades da África Centro-Occidental. Esses são assuntos complexos; contudo a historiadora dá atenção necessária a cada um deles, apresentando um texto bem organizado e acessível àqueles não familiarizados com a história de Angola nos séculos XVII e XVIII.

O livro é resultado de uma tese de doutorado cuidadosa e criativa, onde fontes primárias já publicadas são revisitadas e novas interpretações são apresentadas sobre temas adormecidos na historiografia, como o debate sobre a natureza dos jagas ou a importância das minas de Cambambe para a interiorização da administração portuguesa. Documentos manuscritos disponíveis no Arquivo Nacional de Angola, no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro e na Biblioteca Nacional de Lisboa, assim como os códices da coleção Lamego, do Instituto de Estu-

* Doutora em História da África, York University, Canadá. Professora Associada, Universidade de Notre Dame, Estados Unidos. E-mail: mcandido@nd.edu

dos Brasileiros/USP, são cuidadosamente analisados, o que lhe permitiu concentrar a sua narrativa nos agentes africanos. Nesse estudo, as autoridades políticas locais – os chamados sobas – e seus súditos ocupam o centro da análise, e não necessariamente os agentes coloniais que produziram a documentação. Por sua contribuição metodológica e seu constante diálogo com as fontes manuscritas e impressas, o livro deve ser lido por historiadores interessados em como descolonizar o passado. Em *Sobas e homens do rei* a historiografia angolana recebe uma nova análise, em grande medida inspirada pelos sólidos estudos sobre a escravidão no Brasil. Ao propor um diálogo com clássicos da historiografia africanista, como Joseph Miller, Beatrix Heintze, Anne Hilton, John Thornton, Selma Pantoja, e com os novos estudos, como os publicados por Roquinaldo Ferreira, Roberto Guedes e os de minha autoria, Carvalho insere sua contribuição em vários debates que remontam à década de 1960, como a natureza dos estados africanos, o comércio de longa distância e a resistência aos avanços portugueses, entre outros. É importante destacar o compromisso com a divulgação da investigação histórica da editora da Universidade Federal de Alagoas, que publicou o estudo.

Depois de uma introdução que apresenta a sua intervenção historiográfica, no primeiro capítulo a historiadora examina os contatos entre portugueses e o estado Ndongo, habitado por povos ambundu nos territórios entre os rios Kwanza, Lukala e Bengo, no final do século XV e começo do século XVI. As histórias de imigração e fundação de novos centros populacionais, assim como a consolidação do soberano como intermediário entre o mundo dos mortos e dos vivos, oferecia aos ambundu um mito de origem assentado na figura de Ngola, o rei ferreiro conhecedor

da metalurgia e do mundo sobrenatural. No campo político, as narrativas de imigração e ocupação do terreno legitimavam o controle sobre o território. No campo econômico, o controle da mão de obra dos dependentes, livres ou escravizados, consolidava a produção de excedentes, capaz de alimentar tanto os súditos do rei quanto os imigrantes recém-chegados. Flávia Carvalho analisa os relatos contemporâneos, como a *História Geral de Angola*, de António Cadornega, e a obra de João António Cavazzi de Montecúculo, *Descrição histórica dos três reinos do Congo, Matamba e Angola*, assim como a correspondência oficial manuscrita para reconstruir a história dos ambundu e de sua organização política, destacando a estratificação social e as diferenças que existiam no interior da sociedade. Em diálogo com os estudos de Beatrix Heintze, Flávia Carvalho enfatiza o papel da violência nos contatos iniciais entre os portugueses e a população ambundu e examina como os tratados de vassalagem passaram por transformações ao longo do tempo.

A trajetória dos governadores portugueses é o centro das atenções nos capítulos 2 e 3, com destaque para os interesses econômicos, sobretudo na exploração das minas de sal na Quissama e de prata no Cambambe, e os conflitos com os missionários capuchinhos. A autora destaca a reorientação da política portuguesa e o papel dos líderes políticos africanos nesse processo. Apesar das fontes primárias priorizarem o ponto de vista europeu, ela examina minuciosamente como as autoridades locais – identificados como sobas, dembos, mani e jagas na documentação – negociavam e reagiam à ocupação portuguesa e sabotavam várias iniciativas de exploração comercial. Carvalho demonstra que estados centralizados e populações em regimes descentralizados

conseguiram, com variados níveis de sucesso, resistir à invasão de suas terras. Os dois capítulos também revelam como imagens dos africanos como rebeldes, selvagens e incivilizados foram lentamente construídas ao longo dos séculos XVII e XVIII para deslegitimar a resistência e as expressões políticas. Os capítulos exploram a relação dos *ambundu* com seus vizinhos, sejam eles os súditos do Reino do Kongo ou os povos ao sul do Rio Kwanza. Atenção especial é dada à expansão das guerras coloniais, aos processos de interiorização e ocupação além do litoral, à apropriação do saber africano e à escravização de africanos livres. Carvalho destaca como o conhecimento técnico dos *ambundus* foi vital para a implementação dos chamados “grandes projetos Iluministas” e questiona o projeto de governo polido.¹

O capítulo 4 interroga o sucesso das reformas pombalinas e revela a fragilidade dos tratados de avassalamento, devido à deserção dos *sobas* e ao não-cumprimento das cláusulas do contrato. Ao analisar as fontes primárias disponíveis no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e no Arquivo Nacional de Angola, a historiadora estuda a expansão da guerra e da violência para o interior de Angola e ao sul do Rio Kwanza durante o final do século XVIII e o começo do século XIX. No processo, Flávia Carvalho defende que a colonização de Angola precede a Conferência de Berlim (1884-1885) e que o projeto colonial não logrou expandir-se além de Luanda graças à intervenção e à força militar

dos estados centro-africanos. Ela enfatiza ainda a expansão da violência e da instabilidade política dos estados locais frente aos ataques e negociações com a administração portuguesa e a consolidação do comércio de seres humanos por detrás das reformas administrativas portuguesas.

Em *Sobas e homens do rei*, Flávia Carvalho apresenta a história política e social da África Centro-Occidental em diálogo com a historiografia e alinhavada com as fontes históricas. Além do mérito de investigar as relações de poder e sua íntima conexão com a expansão do tráfico de escravos, Carvalho ainda discute a natureza do estado, os sistemas matrilineares de sucessão, os avassalamentos e a apropriação das instituições e saberes locais, sem perder de vista as transformações históricas que essas categorias passaram ao longo do tempo. As questões abordadas pela autora devem motivar novas pesquisas nos arquivos brasileiros, portugueses e angolanos e servir de modelo para contribuições futuras sobre a história de Angola. A publicação de *Sobas e homens do rei* é contribuição importante e disponibiliza para o público brasileiro uma investigação de ponta sobre a região do continente africano demograficamente mais afetada pelo comércio transatlântico de escravos. E consolida Flávia Maria de Carvalho como especialista no passado angolano.

Recebido em: 23/06/2017

Aprovado em: 14/08/2017

¹ É importante enfatizar como o trabalho pioneiro da Flávia Maria de Carvalho influenciou outro estudo importantíssimo sobre Angola. Ver ALFAGALI, Crislayne Gloss Marão. **Ferreiros e Fundidores da Ilamba: uma história social da fabricação do ferro e da Real Fábrica de Nova Oeiras (Angola, segunda metade do século XVIII)**. Tese (Doutorado em História da África) – Unicamp, Campinas, 2017.